

Apego emocional, controle e fracasso profissional

De que forma ser apegado emocionalmente a alguém pode comprometer nosso sucesso pessoal e, conseqüentemente, profissional? Por que as pessoas apegadas correm riscos de acumularem fracassos e de verem seus sonhos distantes de si? De que forma estar apegado, para muitos, atrapalha sua marcha na direção de seus objetivos, mudança de lugar, cultivo do desenvolvimento pessoal, em suma, na sua busca pelo crescimento? Por que a exigência da atenção do outro é um obstáculo para se progredir?

O apego emocional constitui um dos problemas ao sucesso pessoal. Podemos classificar o apego em pelo menos dois grupos: o apego submisso e o apego controlador. O primeiro renuncia sua vida para estar perto do outro, autossacrificar-se por ele e, normalmente, faz coisas medíocres para obter a aprovação dele. Por sua vez, o apego controlador, que cobra do outro a atenção e, portanto, a presença constante perto de si, exige que ele renuncie à vida que deseja apenas para cumprir seus caprichos.

Tanto em um quanto em outro caso, o resultado poder ser uma vida medíocre e sem paixão, pois apegados perdem o foco em si mesmos para buscarem no outro uma satisfação impossível de ser obtida.

O carinho entre ambos, que poderia ser resultado de algo natural e circunstancial, vira obrigação e sai do plano afetivo passando ao plano mental.

T Harv Eker, no livro “Os segredos das mentes milionárias”, lembra que as pessoas têm muita necessidade de atenção porque a confundem com amor. O fato é que sem perdermos essa necessidade fica difícil sermos livres para ir à busca de nossos objetivos.

Quantas são as pessoas que abriram mão de uma carreira melhor, uma profissão mais satisfatória ou a iniciação em um empreendimento promissor porque não conseguiram suportar a cobrança, o controle e as críticas do outro (e até a ausência). Preferiram viver uma vida simples a arriscar até a separação para viver a vida sonhada.

Sabemos de ouvir que, no processo de construir um negócio, as pessoas chegam a trabalhar de 14 a 16 horas por dia. Mesmo depois de já estabilizados financeiramente, continuam dedicando boa parte do tempo no trabalho, muitas vezes essa mesma jornada, sem inclusive tirar férias, e são criticados como pessoas que só pensam em trabalhar. Como nunca estiveram aí, poucos têm visão de que tais pessoas gastam horas dedicadas a si mesmas, ao seu desenvolvimento e à criação; para elas, não faz sentido tirar férias do que fazem pelo prazer que têm de cultivar a si mesmas e de ver os frutos crescerem.

Obviamente que estão longe da família, dos filhos e do cônjuge. Viajam quando necessário e pelo tempo necessário. Mas isso faz todo sentido para elas, pois não estão se abandonando ou tirando tempo em algo inútil. Fazem assim porque isso as deixa feliz.

Sobre isso de tirar férias, o jardineiro, personagem do livro “O milionário instantâneo”, de Mark Fisher, justifica que muitos ricos não tiram férias porque estão o tempo todo cultivando sua paixão. Tirar férias seria como modificar uma rotina que é verdadeira e que eles não querem modificar. Notemos que são as pessoas mais entediadas com o trabalho que não veem os feriados e as férias chegarem para sair de uma rotina que detestam e, com isso, terem algum momento de desfrute com a vida.

Muitas pessoas pobres não aceitam ficar longe do outro e, por isso, continuam frustrando seus sonhos.

As próprias pessoas se cobram por que se baseiam no que ouvem de que não viram os filhos crescer ou viveram longe da família por causa do trabalho, como se viver intensamente a própria vida fosse algo ruim.

Steve Jobs, não me lembro se em seu discurso em Stanford, mas o que importa é o conteúdo do que disse, afirmou que pedia desculpas aos filhos pelo tempo fora de casa, dizendo que, quando esteve ausente, estava pensando no futuro deles, uma mensagem com uma interpretação ambígua, mas algo que realça o quanto a paixão pelo trabalho cria a necessidade de as pessoas estarem distante por muitas horas e isso não deveria ser visto como um problema.

Isso demonstra que um empreendedor ou qualquer pessoa de sucesso muitas vezes terá de estar ausente de casa, buscando seu espaço, vendendo, palestrando, trabalhando, e tal ausência precisará ser compreendida pelos seus. O cônjuge que também participar do empreendimento ou que tiver o seu saberá

que tal ausência é necessária e compreenderá o parceiro. Filhos centrados em sua vida talvez entendam a ausência dos pais ou, pelo menos mais tarde, saberão que eles estavam vivendo a paixão de construírem algo importante para si e que a ausência que tiveram não era desinteresse, mas apenas um prazer em se cultivar. Evidentemente que passaram tempos importantes com a família, mas de nada adiantaria estar cem por cento do tempo do lado sem o dinheiro para pagar boas escolas, dar certo conforto e frustrados por não terem ido atrás de seus objetivos.

Pode ser que a culpa venha à cabeça deles porque tendemos a julgar as coisas pelo que ouvimos, inclusive em rodas de conversa. Pode ser também que os filhos alimentem uma visão de rancor pela ausência dos pais. Não há controle sobre as emoções e pensamentos alheios.

A ideia aqui não é resolver conflitos, mas acho mais saudável e melhor estar em harmonia conosco, vivendo em busca de nossos objetivos, do que renunciando a isso para tentar cumprir o que ouvimos que é o melhor.

E não há receita sobre como resolver esse aparente conflito, que, como toda tensão, é resultado de duas vontades que se chocam. Como não há solução, o que podemos fazer é ir atrás de nossos objetivos. Acho difícil que soframos porque não estivemos cem por cento do tempo com pessoas das quais gostamos, contanto que tenhamos vivido a vida que queríamos. Mas pode haver muito rancor e autodestruição se deixamos nossa vida de lado, apenas para cumprir o senso comum de estar perto para dar a atenção que o outro requer.

Aliás, cada um de nós é responsável por se dar atenção. Ninguém está no mundo obrigado a dar atenção. Aliás a dar nada a ninguém. A atenção podemos dar *quando, se e porque* queremos dar. E dar porque ganhamos com ela, que é o desejo de compartilhar o momento com uma pessoa que seja importante para nós.

www.institutoliberalidadeindividual.com